

O BRINCAR DA CRIANÇA COM AUTISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL

Luhara Teixeira Loureiro – Ufes ¹

Vanusa de Sá Cardoso – Ufes ²

Fernanda de Araújo Binatti Chiote – Ufes/CEI Criarte³

Eixo temático: 6 Processos de aprendizagem e desenvolvimento e práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão escolar

Resumo

Este texto é um recorte de um Trabalho de Conclusão de Curso, tem como objetivo analisar as contribuições da teoria histórico-cultural para a inserção das crianças com autismo em situações de brincadeiras na educação infantil de modo a identificar as mediações e estratégias traçadas. Utiliza com referencial teórico a abordagem histórico-cultural de Vigotski e seus colaboradores, para a compreensão do desenvolvimento infantil e humano, do brincar como atividade infantil, bem como o processo de inclusão das crianças com autismo na educação infantil, ressaltando o papel do professor como mediador de toda a ação pedagógica. A metodologia do estudo foi a pesquisa bibliográfica, a partir do levantamento no Catalogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), de teses e dissertações produzidas entre os anos de 2015 a 2020, evidenciando quais seriam as estratégias, mediações, interações apresentadas nos estudos que incluem as crianças com autismo nas diferentes situações de brincadeiras na educação infantil. Toma para as análises os estudos Falco (2016) com a proposta de refletir o processo de simbolização da criança com autismo nas brincadeiras realizadas no contexto da educação infantil e Silva (2017) que promove oficinas com a intenção de oportunizar o brincar e o jogo simbólico dessas crianças. Destaca que as pesquisas se complementam em suas análises e são fontes para futuros estudos relacionados às crianças com autismo. Considera a mediação pedagógica como fundamental para inserção das crianças com autismo nas situações de brincadeira, de modo a favorecer a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças com autismo, possibilitando a ampliação do processo de simbolização.

Palavras-chave: Brincar na educação infantil. Criança com autismo. Mediação pedagógica. Teoria histórico-cultural. Educação Especial.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora da educação infantil na rede privada de ensino. vanusa_cardoso@hotmail.com.br

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora da educação infantil na rede privada de ensino. luhara_teixeira@hotmail.com

³ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Professora do Ensino, Básico, Técnico e Tecnológico da Ufes/CEI Criarte. fbchiote@yahoo.com.br

Introdução

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) define a educação especial como uma modalidade de ensino transversal, que perpassa a todos os níveis e modalidades de ensino, desde a educação infantil até a educação superior. O público-alvo da educação especial na perspectiva inclusiva são os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. O atendimento educacional especializado, de caráter complementar/suplementar, deve ser realizado preferencialmente na rede regular de ensino. O objetivo proposto pelas determinações legais é o de garantir o acesso, a permanência e o aprendizado dos alunos, sua continuação nos estudos e um estudo de qualidade, na perspectiva que ultrapassa a integração, com vistas a inclusão real desses sujeitos nos processos educativos (MENDES JÚNIOR; TOSTA, 2012).

As crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) adentram as escolas regulares, provocando inquietações e fomentado pesquisas a respeito dos percursos educacionais dessas crianças, como aprendem, práticas pedagógicas, formação de professores entre outros (VASQUES, 2011). Nosso interesse era de pesquisar, na escola com as/os docentes, o brincar da criança com autismo no cotidiano da educação infantil. Partimos do princípio que nessa etapa da educação básica o trabalho pedagógico se realiza por meio das interações e brincadeiras, compreendendo o brincar como atividade fundamental no desenvolvimento infantil, que não é natural da criança, mas um processo constituído socialmente na apropriação cultural (VIGOTSKI, 2007).

A realização do Trabalho de Conclusão de Curso foi no ápice da Pandemia da Covid-19, estávamos para iniciar a pesquisa de campo, em março de 2020, quando começou a quarentena, fundamental medida de segurança para evitar a disseminação do vírus. Num cenário de milhares de mortes e de muita insegurança tivemos que mudar a metodologia do estudo, sem deixar de investigar o que nos instigava: o brincar da criança com autismo no contexto da educação infantil. Optamos por realizar um estudo bibliográfico a partir de Teses e Dissertações que pesquisaram o brincar da criança com autismo, tendo como referencial teórico a abordagem histórico-cultural.

O presente trabalho, a partir do estudo bibliográfico, tem como objetivo analisar as contribuições da teoria histórico-cultural para a inserção das crianças com autismo em situações de brincadeiras na educação infantil de modo a identificar as mediações e estratégias traçadas.

O brincar no desenvolvimento infantil e a criança com autismo: contribuições da abordagem histórico-cultural

De acordo com o Manual de Diagnósticos Estatísticos de Transtornos Mentais – DSM-V (APA, 2014) o autismo está englobado nos Transtornos do Espectro Autista (TEA), apresentando déficits na comunicação e na interação social, dificuldades de manifestar e compreender sentimentos e expressar suas emoções, dificuldade de conversar, seja no momento de iniciar uma conversa, ou na manutenção do diálogo, de maneira verbal em uma conversa ou de modo não verbal, relacionados aos cumprimentos utilizados no dia a dia, podendo apresentar dificuldade de estabelecer e manter o contato visual, e ausência de expressões faciais. Outra característica comumente apresentada pelas pessoas que são diagnosticadas com TEA são os padrões restritivos e repetitivos de comportamentos, interesses e estereotípias, é comum que esses indivíduos tenham movimentos motores e falas estereotipadas que são exercidos de maneira repetitiva, além das ecolalias que são falas que o indivíduo repete uma palavra ou um som sem uma intencionalidade explícita.

Diante das especificidades do autismo, buscamos romper com o olhar para o que falta e as impossibilidades das crianças com autismo, tomamos como aporte teórico a teoria histórico-cultural evidenciada por Vigotski, por destacar o papel do outro e do meio social no desenvolvimento humano. Nesse sentido, na educação infantil, entendemos que a mediação pedagógica intencional e sistematizada pode favorecer aprendizagens significativas. Tendo a educação escolar um papel fundamental no desenvolvimento infantil, a inclusão dos educandos com autismo em sala de aula regular é um importante fator para a aprendizagem e desenvolvimento dessas crianças, pois por meio da ação intencional do professor e nas interações com outras crianças acreditamos que seja possível impulsionar seus aprendizados tornando-os significativos.

Tendo como base as contribuições de Vigotski (2011) e seus colaboradores, compreendemos o desenvolvimento humano de maneira histórica, ou seja, o homem como ser imerso na cultura, na vida social ao longo da história. Desse modo, o desenvolvimento humano não pode ser explicado somente pelo desenvolvimento biológico do homem, mas na dialética entre o biológico e o cultural. As transformações no psiquismo humano, que ocorrem no processo de desenvolvimento, só podem ser compreendidas se analisadas a partir dos contextos e das relações estabelecidas. O desenvolvimento humano, conseqüentemente o desenvolvimento infantil, é um processo que se realiza no meio social, a partir das relações sociais, ou seja, das maneiras que são possibilitadas a inserção e participação da criança na cultura. É um processo que se realiza do plano interpessoal para o intrapessoal, ou seja, de fora (as relações) para dentro. Nesse sentido o papel do outro e a linguagem se destacam, pois, é o outro por meio da linguagem que insere a criança na cultura de modo a possibilitar (ou não) sua participação no meio social.

Nessa abordagem, Vigotski (2011) argumenta em seus estudos sobre a defectologia que as crianças com alguma deficiência devem ser vistas de forma integral, não somente a partir de suas “deficiências”. Para o autor as limitações da deficiência não estão na pessoa, elas são socialmente constituídas a partir da concepção de falta e limitação uma vez que todo o aparato cultural foi elaborado para pessoas com desenvolvimento típico. No entanto, Vigotski indica que o desenvolvimento das pessoas com deficiência segue o mesmo percurso de todo e qualquer ser humano, se realiza no meio social, nas relações estabelecidas e nos modos que são possibilitados à pessoa com deficiência o acesso e participação na vida social.

A abordagem histórico-cultural nos possibilita compreender que as crianças com autismo, assim como todas as crianças, são capazes de aprender e de se desenvolver de maneira integral, considerando suas singularidades e potencialidades, sendo necessário, para tanto, uma mediação social qualificada. Na educação infantil, tomamos a mediação pedagógica, que deve se constituir como uma ação intencional e sistematizada do professor a fim de promover aprendizagem e o desenvolvimento de todas as crianças.

Embora pareça algo natural das crianças, a brincadeira é uma atividade social, os elementos e ações do brincar se constituem a partir das relações e interações que outras pessoas estabelecem com a criança.

Dessa perspectiva, o componente imaginativo da brincadeira infantil tem natureza e origem social, pois a criança reelabora as formas humanas de agir com objetos e de interagir com outros a partir de suas condições concretas de vida, porém criando novas realidades. Ademais, ao brincar, ela se envolve em regras de comportamento e valores sociais, com os quais muitas vezes não conseguiria operar fora dessa atividade. (GÓES; MARTINS, 2013, p. 27)

Ao brincar, a criança desenvolve sua representação simbólica, quando nas situações imita ações que ela ainda não pode realizar (exemplos: dirigir, cozinhar, cuidar de um bebê, ser cabeleireira, ser médica, etc.) ou quando para brincar utiliza determinados objetos para representar outros (exemplo: um graveto pode ser tornar um avião, baldes viram panelas, faz comidas imaginárias) criando possibilidades de realizar seus desejos por meio do faz de contas.

A brincadeira se constitui como atividade fundamental no desenvolvimento infantil por possibilitar que, enquanto brinca, a criança, sozinha ou em interação com outras crianças/pessoas, resolva problemas, elabore hipóteses num pensar sobre si e sua atuação no meio favorecendo a elevação dos modos de pensamento. (VIGOTSKI, 2007 apud CHIOTE, 2013, p. 57)

A compreensão do brincar como algo que não está dado com o nascimento da criança, mas como algo que ela aprende desde o seu nascimento, nas relações que os adultos responsáveis por seus cuidados estabelecem com ela, nos trazem possibilidades para refletirmos sobre o brincar da criança com autismo. A vivência do brincar não é o mesmo para todas as crianças, cada uma tem suas experiências constituídas nas condições concretas em que sua vida se realiza, nas quais suas potencialidades podem ser tolhidas por conta de suas diferenças, como o caso das crianças com autismo, em que o brincar para elas, é muitas vezes compreendido como algo destoante, de pouco interesse da criança, devido à dificuldade de simbolização e interação. (CHIOTE, 2013; MARTINS; GÓES, 2013)

Góes e Martins (2013, p. 26) indicam que é precioso olhar de modo mais atento, pois:

Na criança normal, o processo do brincar ocorre de forma natural, em que adultos e parceiros interagem com ela, que logo aprende a agir com objetos de forma lúdica e a compartilhar a atividade. Já nas crianças autistas esse processo não é tão simples, pode ser longo e trazer grandes frustrações a pais, familiares e educadores, que acabam desacreditando da viabilidade e

importância dessa área tão propícia ao desenvolvimento. (GÓES; MARTINS, 2013, p. 26)

Na educação infantil as crianças com autismo requerem um olhar mais atencioso e cuidadoso nas situações de brincadeira, para que sejam incentivadas a participar e compartilhar o universo do jogo infantil com outras crianças. Nesse sentido o professor precisa organizar o trabalho pedagógico de modo atento as especificidades da criança com autismo, ao mesmo tempo em que insere essa criança nas situações de brincadeira.

Na educação infantil as práticas pedagógicas se orientam pelos eixos interações e brincadeiras, conforme art. 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) (BRASIL, 2009). A partir das contribuições de Vigotski, destacamos que a mediação pedagógica qualificada, planejada e sistematizada favorece a participação das crianças com autismo e a interação entre pares nas situações de brincadeiras, potencializando seus aprendizados.

Metodologia

Diante do cenário da pandemia da Covid-19 em 2022, optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica investigando estudos anteriores que tenham abordado o brincar das crianças com autismo na educação infantil, tendo como fundamento teórico a abordagem histórico-cultural.

Gil (2002) compreende a pesquisa bibliográfica como importante em qualquer pesquisa científica, por ser desenvolvida a partir de estudos já realizados. Para o autor essa metodologia também se desenvolve por meio de um processo que envolve etapas sucessivas, mas que não são um roteiro rigoroso ou fixo, como: “escolha do tema; levantamento bibliográfico preliminar; formulação do problema; elaboração do plano provisório de assunto; busca das fontes; leitura do material; fichamento; organização lógica do assunto; redação do texto”. (GIL, 2002, p. 59-60)

O levantamento bibliográfico foi realizado a partir de dissertações e teses produzidas entre os anos de 2015 a 2020, que abordavam o brincar da criança com autismo na educação infantil e tinham como referencial teórico a abordagem histórico-cultural. Nossa intenção foi de evidenciar nos estudos quais seriam as estratégias, mediações,

interações apresentadas que incluem as crianças com autismo nas diferentes situações de brincadeiras na educação infantil.

O levantamento de estudos ocorreu entre setembro e dezembro de 2020, utilizamos o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), direcionando as buscas de estudos à temática do brincar da criança com autismo, no período de 2015 a 2020. Utilizamos para a busca de as palavras-chave: brincar, autismo, brincadeiras e autista. Nossa busca teve como foco estudos que abordassem a temática a partir da perspectiva histórico-cultural, analisando as situações de brincadeiras, interações e mediações com a criança com autismo no ambiente escolar da educação infantil.

No Catálogo da CAPES foi preciso reduzir os termos da busca, utilizamos os termos autismo e autista, colocando filtro da grande área do conhecimento educação e educação especial, sendo assim encontramos um total de 110 pesquisas relacionadas ao autismo, e 84 pesquisas relacionadas ao termo autista, no período de 2015 a 2020. Na BDTD de acordo com os termos encontramos: 25 pesquisas brincar e autismo; 21 brincar e autista; 17 brincadeira e autismo e; 15 brincadeira e autista.

Com esses acervos da CAPES e da BDTD, fomos apresentadas a inúmeras pesquisas interessantes que nos fizeram refletir sobre o autismo e suas potencialidades. A partir da leitura dos resumos e análise dos sumários escolhemos pesquisas que abordam o brincar da criança com autismo na educação infantil, a partir do referencial teórico a abordagem histórico-cultural. Encontramos apenas duas Dissertações de Mestrado: a primeira da autora Mariane Falco, abordaremos como Falco (2016) com o título “Jogo e simbolismo a brincadeira num caso de transtorno de desenvolvimento” e a segunda da autora Maria Angélica da Silva, que abordaremos como Silva (2017) com o título: “O brincar de faz de conta da criança com autismo: um estudo a partir da perspectiva histórico-cultural”.

Refletindo sobre os estudos

Nossa questão guia para a leitura dos estudos foi: “Quais são as estratégias, mediações, interações apresentadas nos estudos, que incluem as crianças com autismo nas diferentes situações de brincadeira da educação infantil?”.

O estudo da Mariane Falco (2016) teve como objetivo principal analisar:

O brincar de crianças com transtornos do desenvolvimento, mais especificamente os que se enquadram no espectro do autismo. A principal intenção é verificar como evoluem as relações com o lúdico e se é possível o jogo simbólico, considerando as experiências desenvolvidas na educação infantil. (FALCO, 2016, p. 22)

Falco (2016) reflete sobre a simbolização das crianças com autismo, quando são inseridas nos momentos de brincadeiras com seus pares, utilizou como metodologia um estudo de caso com inspiração etnográfica, com intuito de descrever de modo narrativo como a criança com autismo brinca, compreendendo os contextos para entender os significados atribuídos pelas pessoas que interagem no ambiente. A autora considerou como um requisito para desenvolver a pesquisa, que a criança com autismo participante do estudo tivesse linguagem verbal, pois para Falco a fala é responsável por maiores possibilidades de interação e simbolização.

A pesquisa foi realizada numa Escola Municipal de Educação Infantil de São Bernardo do Campo, numa turma com 23 crianças, com idades entre 5 e 6 anos, no turno matutino, entre elas havia o Arthur uma criança com hipótese diagnóstica de autismo. A professora Mônica e a auxiliar em educação, Letícia, também participaram.

Para analisar o desenvolvimento de Arthur a pesquisadora utilizou como coleta de dados: observações/notas; questionários; documentos de áudios e vídeos, sendo possível compreender de maneira mais abrangente os momentos de brincadeiras e simbolização de Arthur, cabe destacar que a autora utilizou a pesquisa qualitativa para gerar as informações bem como a observação participante, que se deu no contato com o campo que vivenciou em 2014, porém a pesquisadora destaca que havia o cuidado, pois era necessário que a interferência fosse minimizada e não interferisse nas atividades das crianças.

Para refletir a pergunta inicial: “É possível o jogo simbólico para o Arthur?” a autora utiliza duas questões norteadoras “De que ele brinca? Com quem ele brinca?” Nesse aspecto a autora indica que os interesses de Arthur eram limitados e apresentava uma característica, que Falco nomeia como: “Ver-cair”⁴: o estudo do movimento, que

⁴ Falco (2016) utiliza a fala de Gustavo, colega de classe de Arthur, para nomear o ver-cair.

consistia para ele no ato de jogar a bola no telhado e observar a movimentação da bola caindo o que lhe proporcionava muita satisfação.

Para Falco (2016), nesse aspecto da brincadeira a interação social ainda não era necessária para que Arthur brincasse, não havia a necessidade de o outro estar inserido nas possibilidades de “ver-cair”, sozinho ele conseguia repetir as situações de subir, descer, jogar, lançar e por fim observar cair. A autora destaca que no “ver-cair” não há uma articulação com a imitação do mundo real, não é desenvolvida uma situação imaginária nesse tipo de interesse, e esse tipo de brincadeira por si só proporcionava, satisfação sem uma ação simbólica atribuída.

A autora indica que, no contexto da educação infantil, eram necessárias mais oportunidades de exploração do brincar para que Arthur pudesse construir o enredo no processo de simbolização. Destaca que Arthur tinha dois amigos que brincavam com ele, o compartilhamento de brincadeiras era mais potentes com esses dois do que com outros colegas que ainda não tinham tanta aproximação. A autora reflete que para as crianças que não tem muita afinidade com Arthur ainda havia certo receio de brincar com ele, algumas crianças alegavam que “Ele não sabe brincar”, e outras tinham medo dele as machucar em determinada brincadeira.

Falco aponta que foi possível perceber simbolização nas atitudes de Arthur no jogo dos ratinhos, pois quando ele assumia o papel de ratinho ficava dentro da roda, e quando assumia o papel de impedir que os ratinhos saíssem da roda, assim ele fazia, as interações estavam nas indagações que a professora fazia e nas respostas dos demais participantes do jogo.

O estudo de Falco (2016) é potente, nos faz refletir sobre a maneira que ocorre o processo de simbolização e como esse processo é ainda mais complexo para as crianças com autismo. O estudo traz importantes reflexões, para compreendermos o brincar como fundamental para o desenvolvimento dos processos de simbolização de toda criança, de modo especial a criança com autismo.

Maria Angélica da Silva (SILVA, 2017), indica que o interesse em estudar o brincar da criança com autismo, surgiu de sua atuação profissional. Ao longo dos anos ela identificou uma ênfase dos profissionais na incapacidade das crianças com autismo de atuar não somente no campo das relações sociais e da comunicação, mas também

na esfera criadora, na dificuldade de simbolizar. Ela destaca que as atuações pedagógicas tinham como foco o déficit, ou seja, ignoravam o sujeito em sua totalidade.

O estudo se propôs a investigar o brincar da criança com autismo, pensando o para além dos limites da deficiência, teve como objetivo analisar os processos criadores no brincar da criança com autismo, com foco nos recursos simbólicos emergentes no faz de conta: uso de objeto pivô e a configuração dos jogos de papéis. A pesquisa foi realizada em uma escola pública de educação infantil do Distrito Federal, no primeiro semestre de 2016, numa Classe Especial para alunos com autismo. Participaram dessa pesquisa, seis alunos com diagnóstico de autismo entre 4 e 6 anos de idade. O movimento de pesquisa aconteceu na escola, uma vez na semana, durante o primeiro semestre de 2016. Cada encontro tinha a duração de cinco horas, totalizando dezessete encontros ao final da investigação. A coleta de dados foi por meio de registros e vídeo gravações.

O propósito de Silva (2017) foi o de alargar e experimentar as situações inusitadas de estimulação do funcionamento simbólico com a criança com autismo. A pesquisadora propôs fazer uma intervenção diferenciada: criando cenários para a exploração da vivência lúdica, em especial, a assunção de papéis. Foram criadas três oficinas temáticas: “A Cesta Mágica”, “Piratas” e “Oficina de Personagens”.

No trabalho com a oficina “A Cesta Mágica”, Silva (2017) buscou ampliar as situações simbólicas, que eram muito pontuais. As crianças com autismo escolhiam do que brincar, como brincar e com o que brincar. A pesquisadora se inseria na brincadeira, mediando o brincar e, em outros momentos se afastava assumindo o papel de observadora das interações criança-criança.

A cesta era composta por blocos de encaixe, massinha de modelar, bola, bonecas, carrinhos, kit médico, kit de ferramentas, utensílios domésticos em miniatura, kit de beleza, bichos em miniatura, instrumentos musicais (pandeiro, apito, tambor...), entre outros (SILVA, 2017, p.62).

Nas três Oficinas os registros foram vídeo gravados e logo após transcritos e analisados. Ancorada nos pressupostos teóricos da perspectiva histórico-cultural e buscando analisar os processos criadores do brincar da criança com autismo, a pesquisadora realizou uma exploração minuciosa dos materiais que foram vídeo gravados no trabalho de campo. Os principais acontecimentos foram analisados com

sucessivos retornos e selecionados para eixos de análise, intitulados por Silva (2017) como: Eixo A: Variações na flexibilização do brincar nas situações lúdicas e Eixo B: A emergência da assunção de papéis nas brincadeiras de faz de conta.

De maneira geral, de acordo com as análises feitas pela pesquisadora, as atividades lúdicas observadas nos três episódios estão presas a materialidade funcional dos objetos. A relação objeto-ação assume centralidade na constituição da brincadeira, nesses episódios, a materialidade dos objetos determina as ações das crianças com autismo. Em muitos momentos as crianças brincavam ancoradas nas atividades cotidianas dos adultos, que a necessidade da criança em participar da cultura ocorre também por meio da exploração dos objetos circundantes desta cultura.

A pesquisadora observou que as crianças com autismo realmente precisam de uma mediação qualificada para entrar no jogo de assunção de papéis. Além disso, Silva (2017) ressalta que a cenografia, a produção visual parece ser um elemento quase indispensável na composição do acontecimento lúdico. A autora ressalta que a mediação pelo outro, vai além do estar disponível para brincar com a criança com autismo, sendo fundamental a maneira como o outro conduz a brincadeira. A condução pelo outro especialmente, o educador, precisa ser qualificada e intencionalmente planejada para a promoção de novos ciclos no desenvolvimento da criança com autismo.

Os dados empíricos revelaram distintas situações lúdicas vivenciadas pela criança com autismo sozinha e na relação com o outro. Nos primeiros episódios observados as crianças com autismo realizavam ações presas aos objetos, ou seja, as ações lúdicas eram determinadas pelos objetos. Na sequência das observações as ações continuavam vinculadas às características do brincar, mas recursos expressivos emergiam, significando e ampliando o campo de ação das crianças, onde a brincadeira foi apoiada na gestualidade e nas expressões corporais.

No último eixo Silva, analisa a emergência da assunção de papéis nas brincadeiras de faz de conta, tornando os processos criadores mais complexos. A autora busca refletir as situações em que a criança com autismo não somente imagina, mas assume papéis. Nos momentos de observação desse eixo, a autora indica que surgem processos simbólicos refinados na brincadeira de faz de conta, sendo possível

evidenciar uma assunção de papéis, pelas crianças com autismo, muito mais estruturada após os momentos de Oficina. Com relação ao papel do outro, a pesquisadora reitera a intencionalidade por parte do adulto, na mediação da brincadeira de faz de conta da criança com autismo. Entendendo que o outro promove o desenvolvimento, podendo conduzir qualitativamente os momentos de brincadeira das crianças com autismo, possibilitando agirem para além de suas competências habituais, alargando os processos de simbolização envolvidos no faz de conta.

Silva (2017) nos convida a repensar, como educadores, pesquisadores, a nossa relação e, principalmente, o nosso olhar para o brincar da criança com autismo, onde a brincadeira é uma atividade vital da criança, um caminho que a leva para a apropriação do mundo social e que esse fato não pode ser negligenciado.

Considerações finais

As pesquisas de Falco (2016) e Silva (2017) apresentam a criança com autismo e a dificuldade de simbolizar. Para Falco (2016) a proposta inicial era a observação do processo de construção da simbolização e como a inserção em propostas mediadas pode ser impulsionadora para o desenvolvimento dessa criança, porém cabe destacar que a autora não teve como objetivo intervir e realizar a mediação, mas observar no ambiente escolar da educação infantil como esse processo é promovido. Já o estudo de Silva (2017) busca oferecer para as crianças com autismo, de uma turma de educação especial na educação infantil, oficinas que oportunizam o brincar e o jogo simbólico. Silva por vezes mediava e participava das brincadeiras, a intenção era fazer com que as crianças com autismo interagissem entre si e também com os professores no momento de brincadeira.

Ao analisarmos o brincar da criança com autismo a partir da perspectiva histórico-cultural, entendemos que as situações que a criança vivencia na brincadeira, ao criar/representar uma situação imaginária, enriquece a compreensão do real e do mundo que a circunda. A brincadeira de representação e imaginação propicia um suporte ao desenvolvimento simbólico da criança com autismo.

Evidenciamos que o trabalho pedagógico precisa estar pautado, como indicam Vigotski (2008), nas potencialidades das crianças com autismo, pois por meio de uma mediação qualificada do adulto, da interação entre pares, as possibilidades de

desenvolvimento das crianças são ampliadas, principalmente das crianças com autismo.

Não temos a intenção de esgotar todas as discussões sobre o brincar da criança com autismo nesse estudo, mas compreendemos que temos lacunas, questionamentos e indagações sobre essa temática que abrem possibilidades para novos estudos, dessa maneira acreditamos que essa pesquisa poderá instigar outros estudos acerca dessa temática.

Referências

BRASIL. MEC/SEESP. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducacional.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2021.

CHIOTE, F. A. B. A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil. **Revista Pró-Discente.** Vitória: n. 2. vol. 19. p 56-71. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/19229>. Acesso: 19 fev. 2021.

FALCO, M. **Jogo e simbolismo a brincadeira num caso de transtorno de desenvolvimento/** Mariane Falco; orientação Tizuko Morchida Kishimoto. São Paulo: s. n, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GÓES. M. C. R; MARTINS. A. D. F. Um estudo sobre o brincar de crianças autistas na perspectiva histórico-cultural. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.** São Paulo: n. 1. vol. 17. p 25-34. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v17n1/a03v17n1.pdf>. Acesso: 19 fev. 2021.

APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: **DSM-5** / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

MENDES JÚNIOR, E.; TOSTA, E. I. L. **50 anos de políticas de educação especial no Brasil: movimentos, avanços e retrocessos.** 2012. Disponível em:< <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1464/670>>. Acesso em: 8 mar. 2021.

SILVA, M. A. **O brincar de faz de conta da criança com autismo: um estudo a partir da perspectiva histórico-cultural**/ Maria Angélica da Silva; orientador Daniele Nunes Henrique Silva. Brasília, 2017.

VASQUES, C. K.. Uma leitura sobre o atendimento educacional especializado de alunos com transtornos globais do desenvolvimento: diálogos sobre o acontecer da compreensão. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. Prática pedagógica na Educação Especial multiplicidade do atendimento educacional especializado, 6. , 2011, Nova Almeida. **Anais...** Nova Almeida-ES. SNPEE, 2011. v. 1. p. 1-16. 1 CD-ROM.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

———. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução de Zóia Prestes. **Revista Virtual de festão de Iniciativas Sociais**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 23-36, jun. 2008.

———. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação anormal. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.37, n. 4, p. 861-840, dez. 2011.